

O prazer e a dor na educação do carácter

Ramiro Marques

Aristóteles dedica uma parte do Livro X da *Ética a Nicómaco* à relação entre o prazer e a dor e a educação do carácter. O prazer é de uma grande importância ética na teoria da virtude. A dor também. A extrema importância do prazer resulta do facto de que as pessoas tendem a fazer aquilo que lhes dá prazer e a evitar o que lhes dá dor. Os humanos são atraídos pelo prazer. Acontece o mesmo com os outros animais. Essa apreço ser uma lei comum a todos os seres vivos. Esse facto leva Aristóteles a afirmar que uma pessoa com um bom carácter é a que é capaz de tirar prazer e dor das coisas certas. Uma pessoa que tira prazer das coisas erradas, ou seja, que sente prazer a fazer o que está errado, é uma pessoa intemperada. Diz-se que é temperada uma pessoa que é capaz de tirar prazer das coisas certas e dor das coisas erradas. A temperança é, pois, uma virtude essencial à vida boa e à felicidade porque é a virtude que permite um uso moderado dos prazeres. Apesar da sua importância, caiu em desuso e são poucos os professores e pais que a incluem na sua linguagem do dia-a-dia. A pobreza da linguagem moral de muitos pais e professores tem efeitos negativos na educação do carácter das novas gerações. Importa recordar que a educação do carácter se faz pelos argumentos, pelo exemplo e pelo hábito.

Há muitas décadas que a relação entre prazer e dor e educação do carácter deixou de fazer parte da linguagem moral dos pais e professores. Os *mass media* tendem a enfatizar a relatividade dos prazeres e das dores, havendo cada vez mais pessoas que pensam que se trata de uma matéria de gosto pessoal. Essa relativização dos prazeres e das dores tem efeitos extremamente negativos na educação do carácter das novas gerações. Sem referenciais éticos e

normativos, as crianças e os jovens sentem-se perdidos e confusos no seu processo de valoração. Os jovens crescem a pensar que todos os actos que dão prazer são correctos e não aprendem a usar a virtude da temperança, sem a qual ficam incapazes de fazer um uso moderado dos prazeres. É evidente que há prazeres que são prejudiciais para o agente. O consumo do tabaco, da cocaína ou da heroína podem dar um prazer momentâneo, mas ninguém é capaz de negar os seus malefícios a médio e longo prazo. A comida é, regra geral, fonte de prazer; contudo, o excesso de alimentos pode causar obesidade e ser potenciador de doenças. Se as crianças e os jovens não aprenderem a fazer um uso moderado dos prazeres, dificilmente serão capazes de cultivar as virtudes do carácter.

Por último, importa referir o potencial educativo das dores. É próprio dos humanos serem atraídos pelos prazeres e sentirem repulsa pelas dores. Assim é porque as dores causam desconforto, tristeza e depressão. Contudo, é importante saber como resistir às dores. Por mais protegidos e afortunados que sejamos, todos nós somos, mais tarde ou mais cedo, atormentados pelas dores. Pode ser a morte de um familiar que nos causa a dor, uma doença, um fracasso no trabalho, uma perda de amor ou qualquer outra coisa. As pessoas corajosas e resilientes estão melhor equipadas para ultrapassar as dificuldades e os fracassos. Só é possível aprender a resistir às dores, através do exemplo e da experiência directa. A virtude da coragem aprende-se dessa forma. O problema é que as crianças vivem, regra geral, imersas num mundo que enfatiza os prazeres de uma forma imoderada e raramente lhes são dadas oportunidades para aprenderem com as dores. Em consequência, torna-se muito difícil a aprendizagem da coragem e sem essa virtude é mais provável desistirmos à primeira dificuldade. Com a aprendizagem da coragem ausente das nossas famílias e escolas, estamos a educar as crianças num ambiente que potencia o fácil, o efémero e o que não exige esforço. Contudo, o mundo onde os

nossos jovens estão prestes a entrar é tudo menos fácil. Ao invés, corre o risco de ser tornar cada vez mais competitivo, cruel e desumano.